

berinjela

EDWARD LOPES

Av. São Branco, 185 - Lj 10 - Centro - F

Tel. 791.0241

# FUNDAMENTOS DA LINGÜÍSTICA CONTEMPORÂNEA

Prefácio de

EDUARDO PEÑUELA CAÑIZAL  
(da Universidade de S. Paulo)



EDITORA CULTRIX

SÃO PAULO

Qual divisão existia tradicionalmente entre os domínios da morfologia e da sintaxe?

#### 4. MORFOLOGIA

##### 4.1. Morfologia ou Morfossintaxe?

A gramática tradicional distinguia a Morfologia da Sintaxe, de acordo com o critério das dimensões relativas dos significantes. Assim, caberia à Sintaxe estudar construções superiores à palavra (locuções, frases, etc., nas quais a palavra fosse a unidade constituinte mínima), e caberia à Morfologia efetuar o estudo das construções cujos constituintes mínimos fossem palavras, ou partes de palavras (sufixos, raízes, etc.). Os lingüistas da atualidade, e já desde Saussure — tanto os estruturalistas, como Hjelmslev e Pottier, quanto os gerativo-transformacionalistas, que não levam em conta a teoria dos níveis de descrição —, apontam as sobreposições frequentes entre os dois setores e recusam-se a distingui-los; a sintaxe, para eles, “começa a partir do encontro de dois morfemas” (parecer de Pottier), e seria mais apropriado falar-se, nesse caso, em Morfossintaxe.

Realmente, tal distinção não tem razão de ser, do ponto de vista da descrição científica de uma língua, mas talvez ela possa ser aproveitada para facilitar a compreensão da matéria. Por isso a manteremos aqui.

##### 4.2. O Morfema

Em diversas passagens (cf. 1.10; 3.3.2.), vimos que os fonemas constituem a primeira unidade mínima da Lingüística. Observamos também que os fonemas estavam destituídos de qualquer significado, funcionando na língua apenas como discriminadores de significantes em potencial. Veremos a seguir que através dos fonemas podemos localizar a segunda das unidades básicas da Lingüística.

Qual é a função dos fonemas?  
P/a se diz "discriminadores... em potencial"?

A qual plano se refere, ao definir o morfema como D, a primeira articulação das línguas naturais, aquela que compõe o morfema.

O morfema é um signo mínimo, quer dizer, uma entidade composta de significante e significado indissolivelmente unidos. O termo mínimo refere-se, naturalmente, à extensão do seu plano de expressão e é nela que pensam Bloch e Trager quando definem o morfema como (1.ª definição): “qualquer forma, livre ou presa, que não possa ser dividida em partes menores dotadas de significado” (apud Togeby, 1965. 94).

Exatamente por isso, é comum dizer-se que um morfema consta habitualmente de curtas seqüências de fonemas, seqüências essas que se repetem. Mas nem todas as seqüências de fonemas que se repetem são morfemas. As seqüências

[fo] e [di]

por exemplo, ocorrem, respectivamente, duas vezes em “fonemas” e quatro vezes (em dizer-se, “de — pronunciado [di] — curtas”, e “de fonemas”, esta última repetida duas vezes), no parágrafo anterior. Do ponto de vista do estudo dos morfemas, a seqüência [fo] não é relevante; nem o é a seqüência [di] de “dizer”. Mas são relevantes as seqüências [di] que aparecem em “de curtas”, e “de fonemas”. [fo] e [di], de “dizer”, não são morfemas, mas [di], nos outros casos, é. A diferença reside no fato de que [fo] e [di] (de “dizer”) não possuem por si só uma significação: ambos são apenas fragmentos despidos de sentido das formas mais complexas que são os vocábulos “fonema” e “dizer”. Por outro lado, “de” [di], preposição, mantém certas relações com outros termos da língua portuguesa. Essa preposição pode, por exemplo, anteceder um substantivo (“seqüências de fonemas”), um adjetivo (“de curtas seqüências”), etc., mas não pode anteceder um pronome pessoal do caso reto para a 1.ª pessoa (comparem-se: “falavam de mim”, \* “falavam de eu”). Em algumas construções, “de” pode ser substituído por “para”

“veículos de informação”  
“veículos para informação”;

por “com”  
“choravam de dor”  
“choravam com dor”

por “a”  
“fogão de gás”  
“fogão a gás”

etc., sem uma alteração demasiado drástica no plano de conteúdo da frase. Esses tipos de relacionamento (possível/impossível, normal/anormal, freqüente/raro, correto/incorrecto) são estudados pela *gramática* de cada idioma. Podemos, por isso, definir o morfema como (2.<sup>a</sup> definição): "a menor unidade que é gramaticamente pertinente" (Gleason, 1969:52). Por menor unidade entender-se-á uma unidade que não possa ser dividida sem que se destrua ou se altere drasticamente o seu sentido original.

Em "pata" *O que se entende p "menor unidade"?*  
*Gleason define o inflexão com*

1. "pat-"
2. "-a"

*Exemplo de {pat-} + {-a}*

Em 1. temos uma cadeia de significantes dotada de um plano de conteúdo próprio ("extremidade"; "relativa aos membros inferiores"; "de animais"); em 2. "-a", temos um plano de conteúdo "gênero feminino" que enguadrar os conceitos anteriores, pertencentes a 1., no sistema gramatical do português. Assim, 1. e 2. *possuem um significado*, significado esse que seria destruído se eu tentasse subdividi-los ainda mais, construindo, digamos,

3. \* pa-
4. \* -t-

A forma 4 não possui nenhum sentido; e a forma 3 só pode nos evocar sentidos ("instrumento" "para cavar", por exemplo) que nada têm a ver com o sentido original de "pata". Assim se prova que "pata" possui a propriedade de poder ser fragmentado em apenas dois segmentos (1. e 2.) possuidores, ambos, de significado. O que nos leva à 3.<sup>a</sup> definição: São morfemas "os menores elementos individualmente significativos nos enunciados de uma língua" (Hockett, 1971:125).

4.2.1. LEXEMAS E GRAMEMAS

*Como podemos isolar inflexão?*

Um critério para isolar morfemas consiste em observar, com base nas definições propostas, quantos elementos do plano de expressão de uma palavra se correspondem com diferentes significados.

5. pata
6. patas
7. patada
8. patadas

são formas que mantêm inalterável uma seqüência de significantes {pat-}, assim como mantêm inalterável um plano de conteúdo "extremidade", "relativa aos membros inferiores", "dos animais"; "-a" (de 5.) significa, como já vimos, "gênero feminino"; comparando 5. e 6. vemos que a uma modificação introduzida no plano da expressão de 5. (representada pelo acréscimo do elemento "-s") corresponde uma modificação introduzida no plano do conteúdo de 5. (representada pelo acréscimo da noção de "plural"). Por seu lado, 7. ("patada") que pode ser entendido como possuindo o mesmo plano de expressão de 5. ("pat-") mais o sufixo "ada", conserva o mesmo plano de conteúdo de 5. ("relativa aos membros inferiores", "dos animais"), mais um significado "golpe desferido com" ("a extremidade" + "dos membros inferiores" + "dos animais"). Feitas tais observações, seria fácil localizar os morfemas:

9. pat —	— a —
10. pat —	— a — s
11. pat —	ad — a —
12. pat —	ad — a — s
I	II III IV

Assinalaremos, provisoriamente, para cada fragmento isolado em I, II, III e IV uma significação:

- I — "extremidade dos membros inferiores dos animais"
- II — "modificador"
- III — "gênero feminino"
- IV — "número plural"

Num primeiro exame, verificamos que tais significações podem ser classificadas assim:

- (a) I (=pat-), possui uma significação lexical, que diz respeito ao vocabulário da língua, ao dicionário;
- (b) II, III e IV (=ad-, -a-, -s), possuem uma significação gramatical, que diz respeito, não ao dicionário, mas à gramática da língua.

*Qual a diferença entre lexemas e gramemas?*  
*Morfologia lexical e flexional*  
*Derivações*

A parte I, responsável pela *significação lexical*, denomina-se *lexema*; as partes II, III e IV, responsáveis pela *significação gramatical*, denominam-se *gramemas*. É importante notar que tanto I quanto II, III ou IV correspondem, igualmente bem, às características assinaladas em nossas três definições anteriores para morfema. Assim, *lexemas e gramemas são, ambos, morfemas*. Quando não nos importarmos com a menção explícita do particular sentido de cada um deles, poderemos nos referir a um e outro, indiferentemente, sob o título genérico de *morfemas*. Esta praxe é seguida pelos linguistas norte-americanos. (48)

O fragmento {pat-} que engloba a significação lexical, pode ser substituído, em outros contextos, por uma extraordinária quantidade de outros fragmentos retirados do dicionário: *pedr-, punhal-, paul-, cabeç-, joelh-* (que produziriam, juntamente com os fragmentos II, III e IV, *pedradas, punhaladas, pauladas, cabeçadas, joelhadadas*), etc.; todas essas comutações (cf. 1.12.1.) e substituições (cf. 1.12.1.) alteram, evidentemente, o plano do conteúdo lexical (muda o instrumento do golpe), mas não alteram o plano do conteúdo gramatical (todas essas palavras continuariam a possuir o gênero feminino, o número plural, a designar "golpe desferido com"). Se, contudo, quiséssemos efetuar mudanças nas partes relativas à significação gramatical, não poderíamos efetuar senão um número muito restrito de alterações: na parte III, por ex., a do gênero, não possuímos, em português, mais do que feminino/masculino; na parte IV, a do número, não temos mais do que singular/plural, na parte II, a do gramema que indica o aspecto verbal, temos um número maior de possibilidades de variação, mas elas se contam, mesmo aí, nos dedos da mão. Em conclusão: *os lexemas pertencem a inventários limitados e, como membros de uma lista aberta, eles se sujeitam a comutações teoricamente infinitas; os gramemas, ao contrário, pertencem a inventários limitados, e, como membros de uma lista fechada, se sujeitam a um número restrito de comutações.*

Os morfemas são convencionalmente transcritos entre pequenas chaves: {-a} lê-se morfema "a".

(48) O lexema corresponde, aproximadamente, ao que Vendryès chamava de *semantema*, os gramáticos norte-americanos chamam de *root* "raiz" e Hjelmsev chamou de *plerema*; já o gramema corresponde ao *morfema* de Vendryès e Hjelmsev, e à *non-root* "não-raiz" da tradição norte-americana. Para Marinet, lexemas e gramemas são, indiferentemente, *morfemas* (formas significantes mínimas dotadas de significado). Preferimos adotar, aqui, as denominações propostas por Potier.

154

Qual é a diferença principal entre os conjuntos das lexemas e gramemas (verbo Pedra)?

#### 4.2.2. DIMENSÕES DOS SIGNIFICANTES

##### 4.2.2.1. O Morfema Zero

Ao início do presente tópico definimos o morfema como sendo uma forma constituída, habitualmente, de seqüências de fonemas. Os exemplos já examinados, contudo, mostram que nem sempre um morfema exibe vários fonemas no seu plano de expressão. Assim, os morfemas que dão as categorias do gênero feminino e do número plural, em português, {-a} e {-s}, respectivamente, constam de um único fonema.

Na realidade, o morfema pode, até mesmo, ser traduzido pela *ausência manifesta de unidades representativas (fonemas) no plano de expressão*, sempre e desde que essa ausência possa ser relacionada com um significado particular quando contrastamos essa forma com outra que, sendo em tudo o mais igual a ela, no plano de expressão, difira por um acréscimo mínimo no plano do significado. Comparando

9. pat — a  
10. pat — a — s

verificamos que 10. possui o significado "plural" que 9. não possui, sendo todo o restante do plano do conteúdo exatamente idêntico para as duas formas. O sentido "plural", em 10., é claramente indicado pelo significante -s, o qual contrasta visivelmente com a ausência de qualquer elemento indicador de singular em 9. Essa ausência é, no caso, uma *ausência significativa*, porque a forma 9. possui, por seu próprio direito, o significado "singular". *A esse significado corresponde um significante zero*, transcrito "φ". 9. e 10. se analisam, pois, do seguinte modo:

9. { pat } — { a } — { φ }	
10. { pat } — { a } — { s }	
(L) + (G) + (G)	{ } {-s} para o plural
de gênero de número	{ } { φ } para o singular
feminino	-a

O que é um morfema zero?

É fundamental localizar as correspondências entre o plano do conteúdo e o plano de expressão do signo, tendo sempre em vista que, como estamos vendo, o plano de expressão dos morfemas pode ser constituído:

155



- (a) pela ausência de significantes (caso do morfema zero);  
 (b) pela presença de uma única unidade significante (caso de {-a} para o feminino, {-s} para o plural dos nomes);  
 (c) pela presença de várias unidades significantes (caso de {-pat-}).

*A pedra de toque é sempre o plano do conteúdo: ali onde estivermos em presença de diferentes conteúdos, estaremos em presença de diferentes morfemas, não importando a configuração que assumam o plano de expressão desses morfemas.*

#### 4.2.3. A NÃO-ISOMORFIA DOS DOIS PLANOS

##### 4.2.3.1. Primeira Noção de Alomorfes

- Coexistem, em português,  
 13. barganha  
 14. breganha  
 15. pergunta  
 16. pergunta

Embora os planos de expressão de cada um desses pares de formas sejam diferentes, o plano de conteúdo de cada par é exatamente o mesmo. "Barganha" e "breganha", "pergunta" e "pergunta" constituem formas divergentes do mesmo morfema: elas são *alomorfes* umas das outras.

- Por outro lado, em  
 17. cant — a — s  
 18. pat — a — s

{-a} e {-s} possuem o mesmo plano de expressão, pois constam dos mesmos fonemas; mas seu plano de conteúdo é diferente: o {-a} de 17. é *verbal* (ele significa "modo indicativo", "presente", "1.ª conjugação", "voz ativa"), enquanto que o {-a} de 18. é um *gramema nominal* (ele significa, apenas, "gênero feminino"). Outro tanto se dá com o {-s} que, em 17., significa "segunda pessoa do singular", e, em 18., "número plural". *Como seus significados são diferentes, estamos diante de morfemas diferentes: o plano de expressão não se corresponde, portanto, (= é não-isomorfo) com o*

Como distinguimos os 2 {-s} p/20 p. 157

plano de conteúdo dos morfemas, de uma maneira definida e consistente.

##### 4.2.3.2. Primeira Noção de Morfemas Homófonos

Algo parecido ao que acabamos de ver ocorre com (fr.) *pas* (advérbio, "não") e *pas* (substantivo, "passo"), com (ing.) *to* (preposição, "para"), *too* (advérbio, "também", "demasiadamente"), *two* (numeral, "dois"), com o (port.) *se* (conjunção) e *se* (pronome), os quais, *não obstante sejam homônimos, são morfemas diferentes*, porque possuem um sentido e uma função diferentes.

##### 4.2.3.3. Primeira Noção de Morfemas Redundantes

A afirmação de que o morfema está dotado de um plano de conteúdo não significa senão que ele possui um *significado gramatical*, ou um *sentido*, nos termos em que Benveniste definiu *sentido*, a saber, como uma capacidade do elemento para se integrar no nível lingüístico imediatamente superior — o da frase —, constituindo-o. Assim por exemplo, a frase francesa

"*Est-ce que tu l'as vu?*"

apresenta uma sequência de significantes ("est-ce-que", /'eska/) cujo sentido é apenas *redundante*, já que ela designa "frase interrogativa"; ora, o sentido "frase interrogativa" é normalmente dado, em francês (como, de resto, para outras línguas), pela *entonação* supra-segmental, pela curva melódica da voz, cujo ramo final é ascendente (cf. 3.3.1.1.). Exatamente por ser redundante, "est-ce-que" é frequentemente eliminado no registro coloquial do francês, onde se diz

"*Tu l'as vu?*"

Um bom exemplo de morfema redundante, em português, é dado pela mutação vocálica quando ela aparece para indicar, subsidiariamente, a noção de plural, em formas do tipo "porco" [porku], "porcos" [porkuz]; há aí um [c], designativo de plural, sob forma auxiliar do morfema normal, também presente, {-s}.

Em contraposição aos morfemas que se apresentam redundantes no plano do conteúdo, temos as formas que são aparentemente despidas de significado (isto é, desprovidas de significado lexical, mas não gramatical), as do tipo (ing.)

"I want to go" Pertinente na definição de inflexão?   
 F. semelhante ao conteúdo lexical q. é   
 onde "to" [tu] não possui nenhum significado lexical (não o tra-   
 duzimos em port. ou francês, por exemplo). No entanto, é inegável   
 que "to" possui ao menos um sentido porque uma hipotética cons-   
 trução   
 \* "I want go" ?

seria sentida pelos falantes desse idioma como gramaticalmente de-   
 ficiente.

Exatamente porque são pertinentes na análise morfológica todos   
 os elementos que são portadores de uma informação gramatical — e   
 só esses elementos —, muitos autores preferem definir o morfema   
 como a unidade gramatical mínima.

4.2.3.4. Exemplo de Alomorfia: O Plural dos Nomes   
 em Inglês e em Português

4.2.3.4.1. Noção de Morfe

Uma demonstração prática de que o mesmo morfema pode apre-   
 sentar diferentes planos de expressão, (alomorfia), será dada a seguir,   
 no estudo da formação do plural dos nomes em inglês e em portu-   
 guês. Na primeira coluna assinalaremos o plano de conteúdo invari-   
 ante, através dos traços mínimos (= semas) que o compõem;   
 na segunda coluna, transcreveremos as regras da contextualização   
 sintagmática que, sendo diferentes para cada contexto, provocam o   
 aparecimento de diferentes modos de expressão daquele mesmo sen-   
 tido, ao nível da manifestação discursiva. Esses diferentes modos   
 de representação do mesmo sentido invariante da coluna 1, serão   
 transcritos na coluna III, a do plano de expressão.

A formação do plural dos nomes, em inglês, vem representada   
 na Figura 27:

O q. é um morfema?   
 Como é q. surgem as alomorfas   
 e como as decoremos?   
 O q. é um morfema?   
 Como é q. surgem as alomorfas   
 e como as decoremos?

I	II	III
Plano do Conteúdo invariante	Contextualização: regras de combinação sintagmática	Plano de Expressão (variável) correspondente às diferentes regras
s = semas s <sub>1</sub> — plural s <sub>2</sub> — dos nomes	s <sub>2</sub> — palavras terminadas por fonemas sonoros (exceto [z] e [ʒ]) REGRA: + [-z]	{ [dɔg] "dog" [dɔgz] "dogs" [kɔw] "cow" [kɔwz] "cows" [hen] "hen" [henz] "hens"
	s <sub>2</sub> — palavras terminadas pelos fonemas [s], [ʃ], [ç], [z], [ʒ]. REGRA: + [ɪz]	{ [hɔrs] "horse" [hɔrsɪz] "horses" [praɪz] "price" [praɪzɪz] "prices" [rʌʃ] "rush" [rʌʃɪz] "rushes" [tʃɜ:ʃ] "church" [tʃɜ:ʃɪz] "churches" [ʃɪdʒ] "judge" [ʃɪdʒɪz] "judges"
	s <sub>2</sub> — palavras terminadas por fonemas surdos (exceto [s], [ʃ], [ç]) REGRA: + [-s]	{ [kætl] "cat" [kæts] "cats" [kæp] "cap" [kæps] "caps" [lɔk] "lock" [lɔks] "locks"

Fig. 27 — Plural dos Nomes em Inglês

Um levantamento semelhante poderia ser feito para o português. Sem pretender esgotar o assunto nem mesmo ser demasiado rigoroso, um primeiro levantamento nos mostraria que o processo de formação do plural dos nomes é muitíssimo mais simplificado em nossa língua do que as gramáticas tradicionais nos fizeram acreditar, com toda a sua mania de interpretar exceções (que, pelo fato mesmo de serem exceções não deveriam ser apontadas nos níveis primários do estudo; é, pelo menos o que aconselham dois importantes princípios da lingüística, o da indeterminação da gramaticalidade e o do rendimento não proporcional).

Propomos, portanto, sob as ressalvas feitas, o seguinte quadro para o nosso idioma (Fig. 28):

O fato de que tenhamos, em português ou inglês, mais de uma representação fonológica para exprimir a noção de plural, não quer

[+Cons] [+Voz] [+Cont]

*Qual o fim das palavras mortas?*

dizer que se tenha mais de um morfema para exercer essa função. Lembremo-nos de que o fim último das línguas naturais é o de produzir e transmitir significações. Mas essas significações não constituem um *dado objetivo*, pois o plano do conteúdo não é uma evidência linguística que se poste imediatamente sob os olhos ou os ouvidos do destinatário dos signos: pelo contrário, é do próprio mecanismo das línguas que essas significações estejam ocultas aos nossos sentidos, e sejam *mediatizadas* pelos significantes. Isto quer dizer que a significação linguística pertence à *instância da interpretação (estrutura profunda)* não a *instância de manifestação das línguas*, lugar que é privilégio dos significantes que compõem o plano de expressão. Na realidade, a instância da manifestação dá apenas uma *interpretação fonológica* a esse conteúdo.

O fato de que os significantes que exprimem esse conteúdo variem de uma para outra língua, ou de uma para outra frase, dentro da mesma língua, pode ser encarado como o resultado de um trabalho de adaptação aos esquemas propostos pelo sistema. Assim, as diferenças observáveis nos diversos planos de expressão de um mesmo morfema têm de ser levadas à conta das adaptações articulatórias exigidas pela cadeia da fala ou — o que vem a dar no mesmo — pelas coerções fônicas do contexto. A tais coerções estão submetidos todos os elementos provenientes da instância de superfície que emergem para a instância de manifestação; elas visam integrar o novo elemento na vizinhança dos demais que com ele ocorrem e, para tanto, o enquadram em padrões fonológicos e prosódicos bem regulares, peculiares às frases de cada língua.

Assim, tendo em vista a homogeneidade do plano de conteúdo apresentado pelos sufixos [-Z] ou [-iZ], nós os consideraremos como *interpretações fonológicas diferentes de um mesmo morfema, aquela cujo significado é "plural dos nomes"*. A cada realização concreta de um mesmo morfema, ou seja, a cada interpretação fonológica do mesmo conteúdo — chamaremos morfe. Um morfe é, portanto, o plano de expressão concretamente utilizado a cada instante por um morfema que emerge na instância de manifestação da língua.

Plano do Conteúdo invariante	Contextualização: regras de combinação sintagmática	Plano de Expressão (variável) correspondente às difs. regras
s = semas s <sub>1</sub> = plural s <sub>2</sub> = dos nomes	s <sub>1</sub> — palavras terminadas por fonemas sonoros (semivocálicos), [aw], [ɛw], [ɔw] s <sub>2</sub> — palavras terminadas por fonemas sonoros consonantais [z], grafado "s" ("português"), ou grafado "z" ("rapaz"), /x/ ("mal" pronunciado [maʃ] e [ʀ]) REGRA: + [-iZ]	[ˈmeza] — "mezaz" [isˈtãti] — "estante" [sɪˈtãtiZ] — "cinzeiro" [sɪˈzeɪru] — "sifreiru" kaˈfɛ "café" [kaˈfɛZ] [pɔ] "pó" [pɔZ] [piˈru] "peru" [piˈruZ] [bɛ] "bem" [bɛZ] zarˈdɪ "jardim" [zarˈdɪZ] [sɔw] "som" [sɔwZ] [sɪdaˈdãw] "cidadão" [sɪdaˈdãwZ] (50) kɾɪˈstãw "cristão" [kɾɪstãwZ] (50)
[M] → [-Z]	s <sub>1</sub> — palavras terminadas por fonemas sonoros (semivocálicos), [aw], [ɛw], [ɔw] REGRA: [w] ⇒ [j] + [-Z]	[anaˈnaz] "ananás" [anaˈnazɪZ] [paˈiz] "país" (paˈizɪZ) [mat] "mal" [malɪZ] [aˈsukar] "açúcar" [aˈsukarɪZ] [koˈʎɛr] "colher" [koˈʎɛrɪZ] [paˈpaz] "rapaz" [paˈpazɪZ]
	s <sub>2</sub> — palavras terminadas por fonemas sonoros (semivocálicos), [aw], [ɛw], [ɔw] REGRA: [w] ⇒ [j] + [-Z]	[aniˈmaw] "animal" — [aniˈmajZ] [paˈpɛw] "papel" — [paˈpɛjZ] [kɾuɛw] "crnel" — [kɾuɛjZ] [sɔw] "sol" — [sɔjZ] [ãzɔw] "anzol" — [ãzɔjZ]

FIG. 28 — Plural dos Nomes, em Português

(49) Representamos por [-Z] o arquifonema possível de realizar-se, de acordo com as construções contextuais, ora como [-s], ora como [-z] (caso mais comum).

(50) As palavras portuguesas terminadas em ditongo nasal [-ãw] (gráfico "-ão") podem fazer o plural de outros dois modos:

- (a) transformando [ãw] em [õZ] (conf. "balão", "balões", etc.), e os aumentativos ("casarão"/"casarões"), ou, então,
- (b) mudando [ãw] em [ãZ] (conf. "alemão"/"alemães", "pão"/"pães", etc.

A forma mais produtiva — mais realizada pelo povo — é em [õZ].



### 4.3. Identificação de Morfemas

A análise morfológica, visando à identificação de morfemas, deve ser precedida da escolha do *corpus* — material a ser analisado —. Tanto a escolha do *corpus* quanto a análise propriamente dita, podem ser baseadas no critério da *estrutura elementar* de Greimas (cf. 1.8.1.). Para a fixação do *corpus*, é útil seguir os passos adiante:

- (a) escolhe-se um número restrito de "palavras" pertencentes à mesma língua;
- (b) tais "palavras" deverão ser *comparáveis* duas a duas;
- (c) só se podem comparar as formas que possuam entre si algum tipo de *relação*;
- (d) a relação entre as formas deverá ser necessariamente conjuntiva (quer dizer, as formas deverão ser *parcialmente iguais*) —
- (e) e ao mesmo tempo tais formas serão necessariamente disjuntivas (quer dizer, serão *parcialmente diferentes*)

Para a análise propriamente dita, observam-se as seguintes condições:

- (f) O princípio dos parciais iguais contrastando com o princípio dos parciais diferentes é aplicável tanto ao plano de expressão quanto ao plano do conteúdo.
- (g) a hipótese de base é que, a uma diferença perceptível no plano de expressão das duas formas comparadas, deve corresponder uma mínima diferença perceptível no plano de conteúdo de ambas; e,
- (h) vice-versa: a igualdade no plano de expressão das duas formas comparadas refletir-se-á como igualdade também no plano de conteúdo de cada uma delas (com as ressalvas feitas em 4.2., sobretudo em 4.2.3.2.).

Em kutenai, língua indígena norte-americana, temos:

<i>Plano de Expressão</i>	<i>Plano do Conteúdo</i>
1. [ikilɨŋ]	— Eu vejo
2. [kakilɨŋ]	— Tu vês

*Parcialmente iguais / diferentes*  
*Mudança no Pl. d. Exp. acarreta*

Os *parciais iguais* nos dois planos são:

3. [kilɨŋ] — Presente do Indicativo voz ativa
4. [kɨlɨŋ] — Presente do Indicativo voz ativa

Os *parciais diferentes* nos dois planos são:

5. [i]... — 1.ª pessoa do singular
6. [ka]... — 2.ª pessoa do singular

Comparando 1. e 2. e seus desdobramentos (3. e 4. 5. e 6.), identificamos, por esse processo, as seguintes *unidades significativas* (morfemas):

- {i-} — 1.ª pessoa do singular (cf. 5.)
- {ka-} — 2.ª pessoa do singular (cf. 6.)
- {-kilɨŋ} — verbo "ver" conjugado no presente do indicativo, voz ativa (cf. 3. e 4.)

Fazendo a verificação de nossa análise, observemos, agora, uma outra forma:

7. [ekilɨŋ] — ele vê

A análise comparada de 1. e 2. e 7. assegura serem corretos os resultados a que chegáramos no levantamento dos morfemas. Podemos, pois, acrescentar outro morfema do kutenai à nossa lista anteriormente elaborada:

8. [ɛ] — 3.ª pessoa do singular.

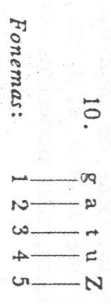
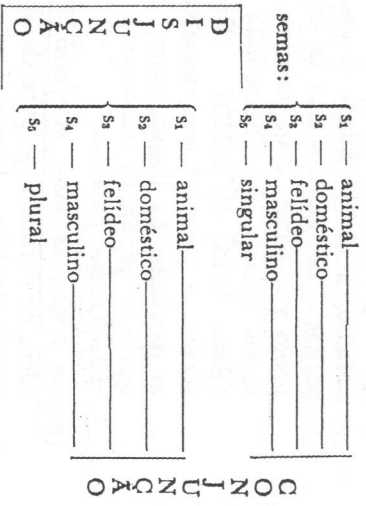
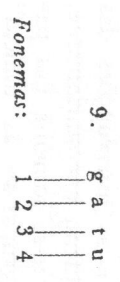
É óbvio que nem sempre a identificação de morfemas se apresenta com tal facilidade. A diferença no plano de expressão de duas formas pode ser representada, por exemplo, pela oposição de algum fonema da primeira forma com nenhum fonema da segunda forma. É o que ocorre em português:

*Conjunção e disjunção formal*

*Mudança no Pl. d. Conteúdo*







As formas 9 e 10. diferem no plano do conteúdo, como *singular* (s<sub>5</sub>) e *plural* respectivamente; em tudo o mais são iguais (s<sub>1</sub> + s<sub>2</sub> + s<sub>3</sub> + s<sub>4</sub>)

Essa diferença no plano do conteúdo correlaciona-se (condição (g) acima) com alguma diferença no plano de expressão das duas formas. Ora, a única diferença perceptível entre 9. e 10. é representada pelo [Z] que aparece na 5a. posição da forma 10. e está ausente da forma 9. Essa ausência será transcrita como φ (zero). Diremos, então, que a forma nominal portuguesa "gato" vem assinada, no singular, por um *morfema zero de número* (cf. 4.2.2.1.).

### 4.4. Gramemas Dependentes e Independentes

#### 4.4.1. A ORDEM FUNCIONAL DA CONTIGÜIDADE SINTAGMÁTICA

Observando 1.

1. Os gatinhos e cachorrinhos de João verificamos que vários dos gramemas que ali aparecem — {-s-}, {-inh}, {-o} —, aparecem soldados em conjuntos indissolúveis que constam de, pelo menos, duas partes:

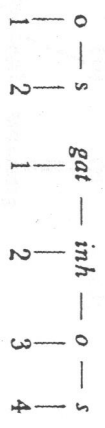
"os" = {-o-} + {-s-}; "inhos" = {-inh} + {-o-} + {-s-}

Isso significa que tais morfemas, desprovidos de autonomia formal (pois constituem segmentos de palavras), são *presos*. Em outros

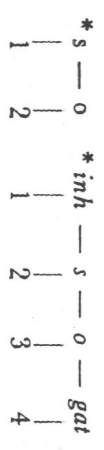
O q é um mfu a preso livre; um gramema formado livremente

termos, eles não podem aparecer isoladamente num enunciado. O signo de plural, {-s-}, por ex., nada significa por si só. Ele só significa "plural", quando se prende a um outro morfema nominal para com ele formar sintagma (cf. 2.5.1.; 4.2.3.1.).

Em segundo lugar, cada um dos gramemas presentes em 1. é inseparável do outro com o qual forma sintagma. Os membros de um sintagma possuem uma distribuição funcional, ou seja, têm uma posição significativa fixada no interior do conjugado de que participam:



Se eu inverter a sua posição respectiva dentro do conjunto sintagmático, construindo



a forma inteira entra em disjunção lingüística. Portanto, os gramemas possuem uma *distribuição característica*. Os gramemas que são formas presas e possuem uma distribuição característica (isto é, que não gozam de autonomia sintática), são chamados *gramemas dependentes*. Os gramemas que não são formas presas (são *formas livres*, e podem constituir sozinhos, palavras ou orações), como "e", {e} no exemplo 1., embora possuam também uma distribuição característica, são chamados de *gramemas independentes*.

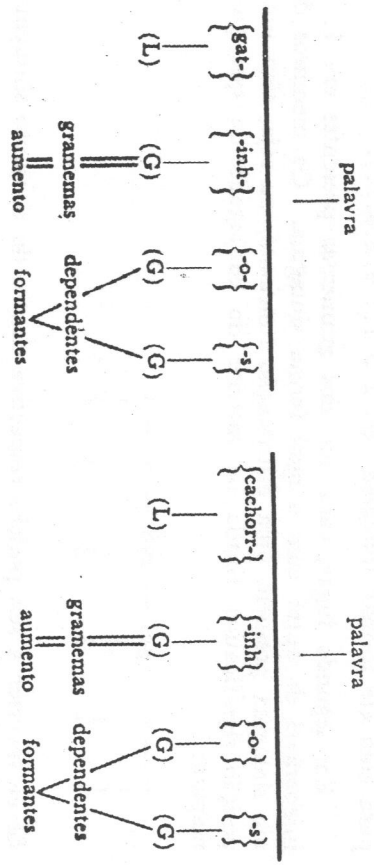
#### 4.4.2. GRAMEMAS DEPENDENTES: AUMENTOS E FORMANTES

É útil reter uma outra possibilidade de subclassificação dos gramemas dependentes (também visível em 1.), segundo eles expressem *classes semânticas obrigatórias* (como o número e o gênero para os nomes do português (s<sub>1</sub>)) ou a pessoa para o verbo — casos em que se falará de *formantes* —, ou expressem *classes semânticas*

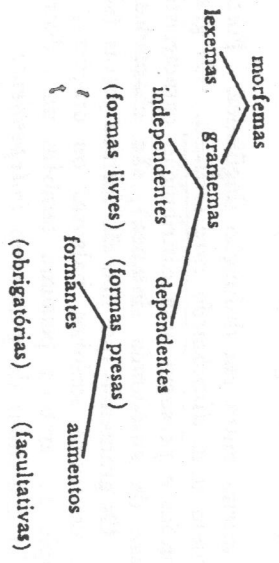
(51) Em umas poucas línguas é possível expressar-se o *conceito puro*, ou seja, enunciar um nome em seu sentido mais geral, sem enquadrá-lo necessariamente nas categorias gramaticais do gênero e do número. Em nûka, por exemplo, a palavra *hamot* significa "osso" (melhor: "osidade"), sem as menções de singular e masculino que são obrigatórias em português.

*facultativas* (como o grau para os nomes — casos em que se falará de *aumentos*).

Assim, palavras como *gatinhos* e *cachorrinhos*, do ex. 1, serão analisadas do seguinte modo:



Esquemáticamente:



### 4.5. A Palavra e a Oração

É difícil definir, com precisão, o conceito de palavra. Não só as definições, mas, até mesmo as simples tentativas de delimitação formal ou contencidística, da palavra, estão sujeitas a críticas e revisões. Isso se dá porque "a *palavra* não é autónoma do ponto de vista semântico, nem do ponto de vista fonético-fonológico, nem do ponto de vista morfosintático" (cf. Schick, 1960, 44). É o que veremos a seguir.

(a) *do ponto de vista fonético-prosódico.* Temos a impressão, quando falamos, de que as nossas frases se constituem de

uma combinação linear de palavras, as quais poderiam ser isoladas unitariamente através da demarcação das pausas que imprimimos à linha de entonação dos enunciados. No entanto, a cadeia falada é *contínua* e as interrupções das pausas e dos acentos não se correspondem, necessariamente, ponto por ponto, com *palavras*. "Pense-se somente nas palavras átonas, que necessitam de agrupar-se às tônicas" (Roca Pons, 1972.110). Desse modo, se se tomam os acentos e pausas como demarcadores unívocos de palavras, as partículas da língua, como (port.) *me, se, lhe, o, a*, etc., que não gozam de autonomia prosódica, não poderiam ser consideradas palavras.

(b) *do ponto de vista morfosintático.* Bloomfield concebeu a idéia de definir a palavra de acordo com o critério da autonomia sintática. Para o linguista norte-americano, a palavra seria uma *forma livre mínima* (*minimal free form*), capaz de ser usada isoladamente, ou de formar, por si só, uma oração. *Casa, fogo* seriam, assim, palavras, já que esses termos gozam de autonomia sintática; mas *-inho*, por exemplo, signo do diminutivo, não seria uma palavra, e, sim, uma *forma presa* (*bound form*), já que *-inho* não aparece nunca isoladamente. A dificuldade para aceitar tal definição está que, de acordo com ela, formas como (fr.) *je* "eu", (port.) *mim*, não seriam palavras, pois jamais ocorrem isoladamente (para dizer "eu" isoladamente, o francês usa *moi*): *je* vem sempre anteposto a um verbo, e *mim* vem sempre precedido de preposição.

(c) *do ponto de vista semântico.* O critério semântico mais utilizado para a delimitação das palavras é o de V. Bröndal (seu autor o propôs como um critério morfológico) (Roca Pons, *op. cit.*, *loc. cit.*). Para Bröndal, o que constitui a essência da palavra é o fato de ela pertencer a uma só classe. Assim, as variantes latinas *ferre, tuli, lātum*, ("levar", "trazer"), seriam, apenas, variantes de uma mesma palavra. Esse critério é discutível, por três motivos: primeiramente, qualquer língua inclui uma série de partículas, dêicticos, auxiliares, etc., (como o inglês *to*), que, ou não se sabe o que significam, ou não se sabe a que classe pertencem. Em segundo lugar, um grupo de palavras (um sintagma nominal, um sintagma verbal, etc.), pode desempenhar a mesma função de uma palavra isolada (no caso, de um nome ou de um verbo). E, finalmente, se termos como *amo, amas, amei*

P/q isso é um problema?





Fig 2  
Flexionais  
N?  
derivacionais

são habitualmente considerados variantes da mesma palavra, costumamos, por outro lado, considerar que termos como *vidro, vidraça, vidraceiro*, etc., constituem palavras diferentes. Isto é: julgamos que os sufixos flexionais — como os gramemas verbais — dão origem a variantes da mesma palavra, ao passo que os sufixos derivacionais — gramemas nominais — dão origem a palavras diferentes.

(d) *ponto de vista da separabilidade*. Os defensores desse critério afirmam que as palavras são entidades cujas partes constituintes não se deixam separar, sob pena de dissolução do conjunto. Um enunciado como

“Comprei um guarda-chuva novo”

consta de grupos de elementos soldados por relações inter-nas significativas, isto é, que concorrem para a obtenção de um único efeito-de-sentido. Elementos como (fr.) *au fur et à mesure*, “gradativamente”; “à medida que”, (esp.) *por supuesto* “é claro”, (port.) *de forma que, um não-sei-quê* constituem *lexias complexas* (enquanto (port.) *guarda-roupa, arco-íris*, etc., são *lexias compostas*), memorizáveis em bloco, na sua integridade. Tomados isoladamente, os constituintes de tais formas não possuem sentido, ou, se o possuem, este nada tem a ver com o do conjunto léxico de que participam. Por isso, as *lexias compostas* e *complexas* não se deixam partir em constituintes menores, e a sua distribuição está de antemão fixada dentro dos enunciados. Dizemos, por exemplo, “um não-sei-quê fascinante”, mas não dizemos \* “um não fascinante quê sei”. Assim, um enunciado como

“Comprei um guarda-chuva novo”

por exemplo, constaria de quatro palavras (“comprei”, “um”, “guarda-chuva”, “novo”), porque — argumentam os defensores desse critério —, não se diz

\* “Comprei um guarda novo chuva”

Se lidássemos sempre com frases análogas à acima mencionada, este seria um processo fácil para a identificação. e o

isolamento das palavras de um enunciado. Contudo, se ele é aplicável para outras línguas, nas quais as partes das palavras não se podem separar sem dano para o sentido da unidade, ele é falho para o caso da língua portuguesa, pois dizemos, indiferentemente, “eu te amarei”/“amar-te-ei”, “eu te diria”/“dir-te-ia”.

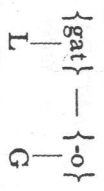
Sendo insatisfatórios todos esses critérios (52), preferimos definir a palavra tal como o faz Potier: *é palavra qualquer unidade mínima construída e é lexia qualquer unidade lexical memorizada* (Potier et al; 1972. 26).

4.5.1. CONSTITUIÇÃO MORFOLÓGICA DA PALAVRA

A língua portuguesa não possui palavras constituídas somente por *lexemas*: já vimos (cf. 4.4.2.) que os *formantes* constituem *classes semânticas obrigatórias*, para os falantes do nosso idioma. Temos, assim, apenas dois tipos de palavras, de acordo com seus constituintes:

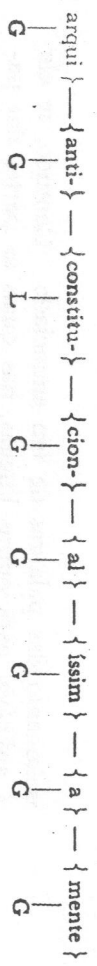
- (a) palavras constituídas unicamente de *gramemas* (a maioria das *partículas*);
- (b) palavras constituídas de *lexema* + *gramema(s)* (nomes e verbos). Ou seja: em português, os gramemas podem ser *dependentes* (ex.: {inho} em *gatinho*) ou *independentes* (ex.: {sem} em *sem dinheiro*); mas os *lexemas* são sempre *dependentes*.

As palavras pertencentes à modalidade (b) possuem dimensões variáveis, desde a formadora do *sintagma lexical* mínimo



até os *sintagmas* expandidos, do tipo

(52) Falta-nos, igualmente, uma definição rigorosamente científica de *oração*. Tomando *oração, frase, proposição, enunciado*, como sendo, aproximadamente, a mesma coisa, definiremos *oração a unidade mínima de comunicação, unificada por entonação própria até à pausa final, dotada de autonomia sintática, e que aparece em posição absoluta (quer dizer, que não é constituinte de uma forma linguística maior)*. Em determinadas circunstâncias, uma só palavra pode constituir uma *oração*, desde que essa palavra possua autonomia sintática: em outras circunstâncias, abolida a sua autonomia sintática, uma *oração* (frase, proposição), pode ser subordinada a outra *oração* (frase); diremos, então, que estamos diante de *frases complexas* (cf. 5.4.8.1.1.8.).



Finalmente, como o morfema é o menor signo linguístico, "em sincronia ele não é decomponível" (Pottier, 1968, 53); por isso, uma palavra como *fidalg* se divide em {fidalg} — {-o}, — embora em diacronia pudesse ser dividida em *filho de algo*.

#### 4.6. Alomorfes

##### 4.6.1. MORFOFONÊMICA

Tal como vimos ocorrer com os fonemas (3.2.5 e 3.3.4.) que admitem diferentes realizações chamadas ALOFONES, a realização concreta de um morfema também pode engendrar o aparecimento de variantes contextualmente condicionadas. É o que se chama ALOMORFE. Cada realização concreta de um morfema é um MORFE. Para que haja alomorfia (isto é, morfes diferentes que representam o mesmo morfema) é necessário:

- (a) que dois morfes apareçam apenas em *distribuição complementar* (isto é, no contexto em que se utilize o morfe 1 não se utilize o morfe 2);
- (b) mostrando, pelo menos, uma diferença perceptível em seus planos de expressão,
- (c) e, simultaneamente, nenhuma diferença perceptível em seu plano de conteúdo.

Exemplo:

PLANO DE CONTEÚDO	PLANO DA EXPRESSÃO
(s = semana)	(m = morfe)

- s<sub>1</sub> = forma oblíqua
- s<sub>2</sub> = para a 1.ª pessoa
- s<sub>3</sub> = regida de preposição
- m<sub>1</sub> = *mim* (em contextos com as preps. "de", "por", "para", etc.)
- m<sub>2</sub> = *migo* (em contextos com a prep. "com")

no exemplo acima, m<sub>1</sub> ("mim") apresenta diferenças perceptíveis no seu plano de expressão quando o comparamos com m<sub>2</sub> ("migo") e não apresenta nenhuma diferença perceptível no seu plano de conteúdo (PC m<sub>1</sub> = PC m<sub>2</sub>). Por outro lado, m<sub>1</sub> e m<sub>2</sub> não podem ser usados no mesmo contexto: dizemos "falavam de *mim*" (e não "de *migo*"), "isto foi feito *por mim*" (e não "por *migo*"), "trouxeram-no

*para mim*" (e não "para *migo*") mas dizemos também, "vieram *com migo*" (e não "vieram *com mim*"). m<sub>1</sub> ("mim") e m<sub>2</sub> ("migo") são, portanto, *alomorfes*.

Outro exemplo:

PLANO DO CONTEÚDO	CONTEXTO	PLANO DA EXPRESSÃO
s <sub>1</sub> = plural	— nomes terminados por fonemas sonoros vocálicos ou semivocálicos (menos [aw], [ew], [ɔw])	m <sub>1</sub> = [Z] (mesa — mesas) [ˈmezaz]
s <sub>2</sub> = dos nomes	— nomes terminados por fonemas sonoros consonantais	m <sub>2</sub> = [Z] (pais — paisés) [ˈpaiziz]

m<sub>1</sub> e m<sub>2</sub> têm o mesmo plano de conteúdo (condição c), são diferentes em seu plano de expressão (condição b), e diferem, ainda, por seus contextos (distribuição complementar, condição a). [Z], grafado -s e [iz], grafado -es são, portanto, alomorfes.

O estudo dos alomorfes é feito pela disciplina que os norte-americanos chamam de *Morfofonêmica*. A morfofonêmica examina as diferentes formas fonéticas apresentadas por um mesmo morfema. Esses diferentes planos de expressão resultam das adaptações contextuais segundo as quais se processa a combinação de dois ou mais morfes ao longo da cadeia sintagmática. O sentido "pretérito" expressa-se, em inglês, de muitos modos: *I went* "eu fui", *I sang* "eu cantei", *I saw* "eu vi", *I stopped* "eu parei", são formas verbais que apresentam diferentes planos de expressão para o sentido "pretérito", que é normalmente formado (nos verbos regulares), mediante a adição do gramema sufixal -ed ao presente do indicativo (cf. *I stop* "eu paro"/*I stopped* "eu parei"). Nos exemplos acima, temos, contudo, substituição de i por a (*I sing/I sang*, "canto/cantei"), substituição de ee por aw (*I see/I saw* "vejo/vi"), de go por went (*I go/I went* "vou/fui"). Todos esses morfes, {-ed}, {-a-}, {-aw}, {-went}, têm a mesma função de indicar *tempo passado*: chamamos a cada um deles uma *alomorfe*, e a todos eles um morfema. A morfofonêmica tem a tarefa de descobrir os morfemas e indicar os alomorfes que o expressam, em contextos determinados (Hodge, 1972: 33).

Em português, o mesmo sentido "coletivo" apresenta-se sob os seguintes alomorfes: {-zal} (cf. *cafezal*), {-al} (cf. *laranjal*), {-aral} (cf. *milharal*); o sentido "grande quantidade" expressa-se através dos alomorfes {-ada} (cf. *fumada*), {-arada} (cf. *fumarada*), etc.

#### 4.7. Homofonia e Neutralização

O caso contrário ao dos alomorfes é representado pela homofonia. São homófonos:

- (a) dois morfes que apresentem o mesmo plano de expressão,  
 (b) mas que sejam diferentes em seu plano de conteúdo.

Em

m1. cant — a — s  
 m2. menin — a — s

temos os morfes {-a} e {-s} que se pronunciavam do mesmo modo (têm o mesmo plano de expressão). No entanto, seu plano de conteúdo é diferente: {a} de m<sub>1</sub> significa "presente do indicativo da 1.<sup>a</sup> conjugação na voz ativa", enquanto {a} de m<sub>2</sub> significa "feminino"; o mesmo acontece com {s} que em m<sub>1</sub> significa "2.<sup>a</sup> pessoa do singular" e em m<sub>2</sub> significa "plural nominal". Finalmente, como {a} e {s} de m<sub>1</sub> são *morfemas verbais* ao passo que {a} e {s} de m<sub>2</sub> são *morfemas nominais*, eles são morfemas homófonos, mas não são os mesmos morfemas.

Observando

*Preterito perfeito*

cantei  
 cantaste  
 cantou  
 cantamos  
 cantastes  
*cantaram* [kã'tarãw]

*Preterito mais que perfeito*

cantara  
 cantaras  
 cantara  
 cantáramos  
 cantáreis  
*cantaram* [kã'tarãw]

vemos que os diferentes significados "preterito perfeito"/"preterito mais que perfeito" (processo simplesmente acabado/processo duplamente acabado) se anulam no plano do significado, em relação à 3.<sup>a</sup> pessoa do plural (ambas têm o mesmo plano de expressão [kã'tarãw]). Agora um único morfe representa dois morfemas diferentes, cujas oposições fonológicas foram *neutralizadas* e a única diferença entre eles é perceptível através do contexto. O resultado prático da neutralização morfêmica é o aparecimento da *homofonia*: são morfemas homófonos, em português, {-s} para indicar flexão verbal ("cantas") e plural de nomes, {-al} para indicar adjetivo derivado de substantivo ("mortal") e nomes coletivos ("laranja"), etc.

#### 4.8. Cumulação ou Amálgama

Na cumulação, dois ou mais significados diferentes se projetam no plano de expressão amalgamando de tal modo os seus significantes que já não nos é possível analisar o resultado em segmentos sucessivos de forma a fazer corresponder a cada um dos significados um único segmento significante determinado. Assim, em latim, {-orum} é o significante para os significados "genitivo" e "plural" sem que possamos saber o que precisamente corresponde a "genitivo" e o que corresponde a "plural". Também o morfema {-o} de "am-o", por exemplo, apresenta, amalgamados, os significados de "1.<sup>a</sup> pessoa", "singular", "presente", "indicativo", "voz ativa", "1.<sup>a</sup> conjugação", "singulário", etc.

É freqüente a cumulação ou amálgama nos lexemas: o inglês *to starve* traduz-se necessariamente "morrer de fome", o alemão *Schimmel* é "cavalo branco", o português *porco* é "filhote de cavalo", *leitão* é "filhote de porco", etc.

#### 4.9. Redundância

Observando

1. "aquele" [a'keili] vs 2. "aquela" [a'keila]

verificamos que 1. e 2. diferem em relação ao plano do conteúdo por um único traço: 1. apresenta o sema "masculino", enquanto que 2. apresenta o sema "feminino". Essa única oposição no plano do conteúdo está traduzida por duas oposições no plano de expressão: "e" que se opõe a "é", e "e" [i] que se opõe a "a". Podemos dizer, nesse caso, que o feminino resulta tanto do [-a] oposto ao [-i] da forma masculina quanto da alternância vocálica entre o [-e] de "aquela" oposto ao [-e] de "aquele" (cf. ela/ele, esta/este). O mesmo acontece com "porco"/"porcos" ([porku] — [porkuz]), "morto/morta" ([mortu] — [morta]) — [mortuz]), etc. Em casos semelhantes, quando estamos em presença de mais de um fonema no plano de expressão do mesmo vocábulo mórfico, sendo todos eles indicadores, concomitantemente, da mesma significação gramatical, dizemos que há *redundância*. A redundância é sempre um recurso auxiliar de que lançam mão as línguas para fixar o mesmo plano do significado (ela confirma a isotopia). Ao nível do enunciado ela é muitíssimo comum, não só em frases do tipo

"subir para cima",  
 "entrar para dentro"



onde assume uma função de ênfase, mas também com a função de construir a concordância entre os diferentes membros do conjunto:

"Nós vendemos		as três casas velhas"	
redundância do plural no sintagma verbal		redundância do plural no sintagma nominal	

#### 4.10. Tipos de Morfemas

##### 4.10.1. MORFEMAS TÁTICOS (MORFEMAS SEM FORMA)

Ao estudar o conceito de distribuição (cf. 2.4.2.1.), vimos que o valor das unidades linguísticas é uma decorrência da posição que elas ocupam nos enunciados. É pela distribuição característica de um elemento que o agrupamos em uma e não em outra classe de vocábulos: um advérbio pode formar sintagma com um adjetivo, um adjetivo pode formar sintagma com um substantivo, etc.; mas um adjetivo não pode combinar-se, endocentricamente, com um advérbio. Compare-se:

muito		bom		bom		moço
Adv. + Adj.		Adj. + Subst.		Adj. + Subst.		
* muito		tu		* bom		sim
Adv. + Pron.				Adj. + Adv.		

A coocorrência sintagmática dos elementos rege-se pelas relações distribucionais de compatibilidade / incompatibilidade contextual. A ordem de colocação de dois elementos compatíveis no mesmo contexto é um meio tático de que se servem algumas línguas para distinguir sentidos diferentes. O português, por exemplo, fixou como *norma* (cf. 2.2.2.) a ordem de colocação que se expressa pela seqüência de *elemento modificador + elemento modificado*. Como essa seqüencialidade alçou-se à norma, ela passou a expressar um *sentido habitual* (assim, em português, um adjetivo anteposto a um substantivo, é *atributivo*, ao passo que posposto a um substantivo é *predicativo* — isto é, tem afinidade com o verbo *ser*). Se invertermos a ordem habitual de colocação, a construção toda adquire um sentido diferente. Compare-se, por exemplo:

um bom	professor	— vs —	um professor	bom
atribut.	modificado			predicativo
um pobre	homem	— vs —	um homem	pobre
atributivo				predicativo
pobre menino	rico	— vs —	rico menino	pobre
atrib.	predicat.		atrib.	predicativo

A esse processo tático de diferenciar sentidos, costumam alguns autores aludir com a expressão "morfemas sem forma" (Atrados, 1969. vol. 1. 224).

A indicação da relação gramatical mediante a justaposição de dois ou mais termos numa ordem definida é, como diz Sapir (1954. 69 ss), o mais econômico e simples dos processos gramaticais. Nem todas as línguas se servem dele, porém. Há línguas, como o latim, que exprimem o maior número de relações gramaticais mediante modificações operadas na própria palavra e, por isso, não se valem de processos táticos.

"*Hominem videt femina*"

"*Femina hominem videt*"

"*Videt hominem femina*"

"*Videt femina hominem*"

significam — salvo efeitos retóricos ou estilísticos — "a mulher vê o homem".

No polo oposto ao das línguas que se comportam como o latim, temos línguas como o chinês, o siamês e o anamita, em que toda e qualquer palavra aparece forçosamente num lugar determinado da oração. Há um lugar obrigatório para o sujeito, outro para o objeto e assim por diante.

A maioria das línguas, no entanto, parece ter adotado uma solução intermediária, como fez o português. As frases

O homem viu a mulher  
A mulher viu o homem

são visivelmente contrastantes (e por aí o português se aproxima do chinês com sua ordem fixa); mas, por outro lado, é perfeitamente in-diferente que se diga

Ontem, fomos ao cinema  
Fomos, ontem, ao cinema  
Fomos ao cinema, ontem

(e por aí o português se aproxima do latim com sua ordem livre).





(b) *com função flexional* (isto é, estabelecendo relações sintáticas):

(port.) *gato* — *gatos* — *gatas*  
*amo* — *amas* — *amamos* — *amei* — *amarei*, etc.

#### 4.10.4. REDUPLICAÇÃO OU REDOBRO

É o nome que se dá aos morfemas que se formam pela repetição, parcial ou completa, do lexema.

(gr.) *lúo* “eu solto” — *lúuka* “fiquei solto”

(lat.) *pendo* “estou pendurado” — *pependi* “estive pendurado”  
*mordeo* “estou mordendo” — *momordi* “estive mordendo”

Mattoso Câmara (1954: 102) cita o exemplo da *triplicação* que ocorre numa língua indígena do Panamá:

*mu-a* “subir e descer”

*mu-amu-a* “subir e descer sucessivamente, como as vagas”

*mu-amu-amu-a* “subir e descer em ondulação incessante, como o mar calmo”

Freqüentemente o redobro é usado para

(a) formação do plural:

(tupi) “*abá*” “homem” — *abá abá* “homens”

(b) dar ênfase ou indicar um grau de superioridade:

(tupi) *tinga* “branco” — *titinga* “muito branco”

(šipaya), língua indígena brasileira: *šĩ* “pequeno” *šĩ šĩ*  
“muito pequeno”

(ing.) *a big man* “um homem grande”

*a big big man* — “um homezarrão”

(c) indicar o aspecto iterativo:

(port.) *pular* — *pulular*

*saltar* — *saltitar*

(d) traduzir a função emotiva da linguagem (comum na linguagem infantil):

(port.) *mãe* — *mamãe*

*dói* — *dodói*

(esp.) *chiquitito* — “pequenininho”

#### 4.10.5. A ALTERNÂNCIA

Consiste numa troca de fonemas ou de acentos. São bastante comuns.

##### 4.10.5.1. Alternância Vocálica

Esse fenômeno exerceu importantíssimo papel no proto-indo-europeu, onde os sufixos possuíam uma alternância /e/ — /o/ (apofonia ou “ablaut”, desvio de som) que passou para o grego. Assim, uma mesma raiz indo-europeia *men* pode apresentar-se em formas diferentes como *men*, *mon*, *mn*; fala-se, então, de um *grau pleno com vogal* “e” ou “o”, e de um *grau reduzido ou zero* “Ø”, *sem vogal* (cf. Perrot, 1970: 57).

No grego, a forma do presente marcava-se com /e/ na raiz, distinguindo-se assim da forma do perfeito (marcada com /o/ + redobro) e de modo análogo passou, ainda que com função diferente, para o latim, para o inglês, e para o alemão:

(gr.) *leipo* “presente” — *leloipa* “perfeito”

(lat.) *tego* “cubro” — *toga* “coberta” (“toga”)

(ing.) *to sing* “cantar” (o /e/ evoluiu para /i/ diante de nasal),

*sang* — *sung* (o /o/ evoluiu para /u/ diante de nasal)

(al.) *brechen* “quebrar” — *brach* “quebrou” (pret.) — *gebroche* “quebrado” (part. pass.)

(port.) *foi* — *fui* (alternância /o/ — /u/)

*povo* — *povos* (alternância /o/ — /ɔ/)

*aquela* — *aquela* (alternância /e/ — /ɛ/)

Em inglês e alemão a alternância vocálica é também usada para marcar o plural de certos nomes:

(ing.) *tooth* “dente” — *teeth* “dentes” (alternância /u/ — /i/)

*man* — “homem” — *men* “homens”, etc.

(al.) *Vater* “pai” — *Väter* “pais”

*Schule* “escola” — *Schüler* “escolar”, “aluno”

Ainda que regularmente encontrada num grande número de línguas, em nenhuma família a alternância vocálica tem um papel tão fundamental quanto na família das línguas semíticas. O nome e o verbo do árabe, por exemplo, são constituídos por duas ou três consoantes que fazem as vezes de lexema (*raiz triliteral*); essa raiz

não dá mais do que o sentido geral da palavra que fica, assim, na dependência da alternância vocálica para adquirir um significado mais preciso. Por isso Adrados (1969) e Gleason (1961) falam em *morfemas descontinuos* a propósito das línguas semíticas.

- (árabe) *x — m — r* "lexema com idéia de "guardar"
- xamar* — "guardou" (ou seja morf. desc. /a-a/ = perfeito)  
*xomer* "guardando" (ou seja morf. desc. /o-e/ = gerúndio)  
*xamur* "sendo guardado" (ou seja morf. desc. /a-u/ = gerúndio passivo)
- g — n — b* "roubar"
- ganab* "roubou"
- goneb* "roubando"
- ganub* "sendo roubado" (Sapir, 1954. 67)

#### 4.10.5.2. Alternância consonântica

Ainda que apareça mais raramente do que a alternância vocálica, é também, importante. No latim, por exemplo, está representada historicamente pela passagem de *-s* a *-r*, constitutiva do *rotacismo*:

- (lat.) *flos* "flor" (nominativo) — *floris* "da flor" (genitivo)  
 \* *corpōs* "corpo" (nomin.) — *corporis* "do corpo" (genitivo)
- (port.) *digo* — *dizes*  
*faço* — *fazes*  
*peço* — *pedes*
- (esp.) *digo* — *dices*, etc.

Em inglês, a alternância consonântica é, às vezes, usada para distinguir classes de palavras (no exemplo abaixo a oposição surda /s/ — sonora /z/ marca a diferença entre nome (N) e verbo (V)):

- (ing.) *house/haws/* "casa" (N) — *house/hawz/* (V)  
*strife/strajf/* "luta" (N) — *strive/strajv/* "forcejar" (V)
- podendo também distinguir entre singular e plural:
- (ing.) *calf* "bezerro" — *calves* (s) "bezorros"

(53) A alternância vocálica pode coexistir, num mesmo vocábulo, com a alternância consonântica. É assim que Mahnberg (1969. 228. nota 4) analisa o (ing.) *brought* e o (al.) *ging*:

- (ing.) *brought* = *bring* + tempo passado  
 (al.) *ging* = *gehen* + tempo passado  
 o que nos levaria a analisar o (port.) *dito* como *dizer* + tempo passado.

#### 4.10.5.3. Alternância de Acentos

##### 4.10.5.3.1. Alternância Quantitativa

As distinções morfológicas se fazem, nesse caso, de acordo com a quantidade de vogal, estabelecendo-se uma oposição entre vogais longas e vogais breves.

- (lat.) *occidēre* "matar" — *occidēre* "morrer"
- fūgī* "foge" (pres.) — *fūgīt* "fugir" (pret. perf.)  
*lēgīt* "le" (pres.) — *lēgīt* "leu" (pret. perf.)
- (checo) *draha* /dra:ha/ "caminho" — *draha* /draha:/ "querida"

##### 4.10.5.3.2. Alternância Posicional do Acento

Neste caso, as distinções não se fazem a partir da natureza do acento, mas sim a partir da posição do acento tônico, a qual serve para distinguir palavras. É um processo muitíssimo comum.

- (gr.) *phōros* "o que é levado" — *phorós* "o que leva"
- (port.) *comércio* — (N) — *comercio* (V)  
*fábrica* (N) — *fabrica* (V)
- (ing.) *rebel* (paroxítona: "rebeldé", N) — *rebel* (oxítona: "rebelar", V)
- insult* (parox.: "insulto", N) — *insult* (oxít.: "insultar", V)

##### 4.10.5.3.3. Alternância Tonal

As línguas tonais, como o suco (dois tons), o chinês (dialecto de Pequim, quatro tons), o anamita (seis tons), vários idiomas indígenas da África (hotentote, bosquimano) e da Maláio-Polinésia, utilizam os tons melódicos com valor distintivo. A oposição se organiza sempre à base de um tom ascendente frente a outro descendente. Um exemplo bastará para mostrar como isso funciona:

- (anamita) *ma* — "fantasma"
- ma<sup>2</sup>* — "face"
- ma<sup>3</sup>* — "idéia adversativa"
- ma<sup>4</sup>* — "túmulo"
- ma<sup>5</sup>* — "objeto votivo"
- ma<sup>6</sup>* — "pé de arroz"

Já vimos, páginas atrás, que línguas como o português não se constituem senão de dois tipos de palavras: palavras que são gramemas independentes (como as nossas preposições e conjunções), e palavras que se compõem de lexema mais gramema(s) preso(s). Integramos, agora, ver se podemos encontrar vocábulos constituídos puramente de lexemas — isto é, que estejam desprovidas de qualquer tipo de noção gramatical. Um exemplo, exhaustivamente citado pelos linguistas, a partir de Sapir, é o do vocábulo *hamot* “osso”, do nutka, língua indígena de Vancouver, Canadá. *Hamot* contém apenas a noção concreta de “substância óssea” e poderia ser indistintamente singular ou plural. Trata-se, aí, de um semantema ou lexema puro, sem/gramema de número ou gênero. Este único exemplo, insistentemente lembrado pelos tratadistas, mostra que o vocábulo constituído exclusivamente de lexema é, se não inexistente, raríssimo. Exemplos aparentemente análogos ao de *hamot*, em inglês ou português, não faltam: (port.) *pires, lápis*, etc., (ing.) *sheep* “carneiro”, “babaque”. Por serem invariáveis em seus planos de expressão, tais palavras não nos esclarecem, quando as tomamos isoladamente, se estão no singular ou no plural. Mas *tais palavras não são lexemas puros*: elas nunca ocorrem isoladamente, elas só se realizam em enunciados concretos, através dos quais virá a manifestar-se inevitavelmente a categoria do número que lhe queremos atribuir.

(port.) *Os lápis se quebraram* — o *lápis se quebrou*

(ing.) *these sheep are big* — *this sheep is big*

Em *lápis, sheep* e formas análogas temos, portanto, *não semantemas puros, mas a ausência manifestada do morfema gramatical*, sendo as categorias gramaticais percebidas pelo contexto (cf. Mattoso Câmara, 1969a. 90; também Robbins, 1969. 247). Desse modo se diz que formas do tipo *pires, lápis, ônus, sheep, fish, dozen*, etc., possuem *morfema zero de número*. Sua análise será:

*pires* = L {pires} + G {Ø} de número

*ship* = L = {ship} + G {Ø} de número.

## 5. MODALIDADES DE GRAMÁTICA

### 5.1. Gramáticas Nacionais e Gramáticas Formais

Numa primeira abordagem poder-se-ia afirmar que a teoria gramatical tradicional se apoiava em hipóteses nacionais. As classes de palavras, por exemplo, eram comumente divididas à base do significado dos termos. Um substantivo, consoante essa teoria, seria uma palavra que nomeasse pessoas, lugares ou coisas. Tal interpretação deixava de lado palavras como *bondade, infância* e outras do mesmo tipo, sendo, portanto, altamente insatisfatória. Assim, Jespersen diz que, nos *Comentários* de César, *Caesar* aparece no lugar de *ego* e *César* não é comumente classificado como um *pro-pronome* (Adrados. 1969); nós poderíamos lembrar o exemplo de J. Cândido de Carvalho (em *O Coronel e o Lobisomem*), onde o pronome *eu* é substituído, muitíssimas vezes, pela perífrase “o neto de meu avô Simeão”. “O sujeito não indica aquele que realiza a ação”, como se diz, em *o menino recebeu uma bofetada, em ela nunca foi amada, em a terra é redonda*. Nem em tantos outros casos.” (Adrados. 1969, 497).

Tais imperfeições da gramática tradicional não são ocasionais. Na raiz delas podemos encontrar o preconceito lógico e cultural que levou os gramáticos do mundo inteiro a trabalhar suas línguas com base na suposição de que elas se conformariam todas, ao fim e ao cabo, com os modelos que orientaram a descrição do grego e do latim. No entanto, uma separação, tão evidente para os ocidentais, como é a dos nomes e verbos, não é universal. Há línguas que não fazem nenhum tipo de distinção entre *o homem está descansando* e *o descanso do homem*, entre *amo* e *meu amor*, etc. (Cf. Malmberg, 1969. 229).

Essas diferenças transparecem até mesmo nos grupos de línguas